

## COMUNIDADES

### PONTINHA

LUCIANA ANORMINO

#### Diário de viagem: nas terras de Pontinha

No dia 17 de dezembro de 2004, saí rumo a Pontinha, uma comunidade remanescente de quilombo, pertencente ao município de Paraopeba (MG), a 97 quilômetros de Belo Horizonte.

Em contato anterior com membros da comunidade, num encontro de Quilombolas e Comunidades Negras, em Belo Horizonte, soube um pouco da história daquele lugar. Descendentes de Chico Rei. É assim que se intitulam, e esse é um dos maiores orgulhos dos "filhos da terra". São criadores de minhocaçu, um tipo de minhoca gigante, ótima para pescar, o que faz com que a rodovia de Paraopeba - que fica no caminho para Três Marias, onde há uma grande represa e para pesqueiros como Rio São Francisco, Rio Abaeté, Barra do Rio de Janeiro, Barra do Pontal e Rio Paracatu, entre outros - seja parada obrigatória dos pescadores.

Casas no centro de Pontinha.

No trajeto entre Paraopeba e Pontinha - aproximadamente 15 quilômetros - as plantações se destacam, nada incomum para quem vive da agricultura. Milho, mandioca e feijão são os principais cultivos naquelas terras. Depois de muito chão andado e poeira, cheguei, enfim, a Pontinha... No centro da comunidade, uma surpresa: apenas a igreja, a escola, a sede da associação - todas sinalizadas com grandes placas - e algumas poucas casinhas. O restante daquele lugarejo de quase dois mil habitantes - aonde a luz chegou há pouco tempo e rede de esgoto ainda é sonho - encontra-se espalhado. Há casas que chegam a se distanciar cerca de seis quilômetros umas das outras.

Sr. Geraldo Moreira, presidente da Associação Comunitária de Pontinha, foi quem me encaminhou às pessoas que mais sabiam contar a história do lugar. Sr. Carlos Moreira, Euriza Moreira Barbosa, Florentina Gonçalves do Espírito Santo, José Fernandes dos Santos e José Geraldo Alves contribuíram com seus relatos sobre Pontinha que, na verdade, é considerada por eles uma grande família. Muitos dos nascidos ali partilham o mesmo sobrenome, "Moreira", registro que carregam em homenagem a Padre Moreira, que teve grande importância na história da comunidade.

Ao ouvir as histórias dos cinco moradores, deparei-me com uma Pontinha recheada de lendas, superstições e causos passados de geração a geração. Em alguns momentos, são eles mesmos as testemunhas dos acontecimentos fantásticos ocorridos naqueles arredores. Em outros, os contadores



Casas no centro de Pontinha.

## COMUNIDADES

### PONTINHA

LUCIANA ANORMINO

atribuem a alguém de sua confiança ter o fato relatado, e dizem não ser apenas "causo". É parte da história de Pontinha, a história de cada um deles, com suas várias versões, compartilhadas aqui:

#### A saga de Muzinga

Contam os mais velhos, que ouviram dos mais velhos e assim por diante, que a comunidade de Pontinha foi formada a partir de 60 famílias que vieram com Muzinga, filho de Chico Rei. Para uma mesma história, várias versões. Mas o entusiasmo ao lembrar os feitos heróicos de seus antepassados é o mesmo entre os contadores. Nas palavras deles, a história de Pontinha:

**José Carlos Moreira:** "O caso é que Chico Rei veio da África. Ele e os outros escravos vieram pelo mar, mas tiveram que ser batizados antes, porque não deixaram entrar no navio sem ser batizados. Eu acho isso difícil porque tinha muita gente, eram cento e tantas pessoas. Então, Padre Moreira, que veio da África com eles, batizou todo o mundo. Mulheres e meninas eram Maria e, os homens, não sei se eram Francisco ou José. Eles chegaram e fizeram muita coisa em Ouro Preto, trabalharam demais como escravo. Depois de libertados, Padre Moreira falou com eles: 'Oh, vocês comprem um hectare de terra que dê pra vocês morarem, e ficam vocês com a sua família, porque o ouro não é dinheiro'. Então, eles desceram aqui para baixo e foram para Diamantina. Depois que Chico Rei morreu em Ouro Preto, o restante dos escravos comprou uma pontinha de terra. Chico Rei pediu que o povo não vendesse as terras para gente estranha, para o povo de fora, que criassem isso como uma comunidade. As escrituras de Pontinha, que foram passadas para eles, queimaram no cartório.

Então, o Muzinga, filho de Chico Rei, veio para cá. A escritura pegou fogo, mas o prefeito deu uma autorização para fazer um levantamento e deixar usufruto da propriedade. E, no caso, ele ficou aqui e depois saiu. Dizem que a turma dele ficou por aqui, mas a gente não sabe quem foi da turma dele. Ele desceu para a fazenda de baixo, morreu lá em baixo e dizem que trocou a terra por 30 arrobas de ouro. Dizem que está escondido aqui dentro da Pontinha, dentro da terra, mas eu não estou achando que pode ser verdade isso porque não é possível, tanta gente já furou tanto buraco e não achar essas partes de ouro? Assim que ele chegou aqui, ele criou a



*Sr. Geraldo Moreira em frente ao Centro Comunitário, onde acontecem as reuniões da Associação Comunitária de Pontinha.*



*José Carlos Moreira, 77 anos, presidente do Congado de Pontinha. Orgulha-se ao dizer que sempre prestou grandes serviços à comunidade, como levar pessoas para o hospital em Paraopeba.*

## COMUNIDADES

### PONTINHA

LUCIANA ANORMINO

guarda de congo, no ano de 1870. Eu não sei como eles morreram, se morreram todos aqui, como é que foi.”

**Euriza Moreira Barbosa:** “Meu pai contava que, na época da escravidão, vieram mais de 60 famílias da África. Quando eles foram libertados, saíram fugindo. Antes de chegarem nessa comunidade de Pontinha, passaram por Pompéu. Não podiam vir passando pela estrada, porque eles vinham trazendo muita barra de ouro, então passaram por Pompeu. Com eles, veio um padre chamado Padre Antônio Moreira. Esse pessoal ficou aqui por uma temporada. Depois, alguns quiseram ir embora e outros ficaram. Daqui, eles foram para Diamantina. Ficaram na comunidade 60 famílias, que somos nós hoje. Na época, quando o padre foi embora, há uns 200 anos, ele doou esse terreno para essas famílias que ficaram aqui. Na época, quando o padre doou esse terreno, como meu pai contava, ele falou assim: ‘Eu vou doar essa pontinha de terra!’ Era uma pontinha de terra que, quando medida, deu 510 alqueires, fora os pântanos. Por ele ter doado uma ‘pontinha’ de terra, então a comunidade recebeu o nome de ‘Pontinha’. Para o padre, era um pedacinho pequeno. Os escravos vieram de Chico Rei. Nós somos de descendência de Chico Rei. Tinha o Muzinga, que era filho de Chico Rei. O Muzinga, a Mariazinha, toda descendência dos escravos. Esse pessoal foi embora e a gente ficou. O Chico Rei foi embora também. Até tinha um mestre de congo que eu conheci quando tinha a faixa de 12 anos, num encontro de congado em Contagem (MG) e em Sete Lagoas (MG), que me contou uma história bonita. Disse ele que, na época que eles vieram para cá, os escravos atravessaram o mar e quase todos foram salvos pelo peixe salva-vidas. Eles vieram da África, caíram no mar e foram salvos pelo peixe. Eles acabaram fugindo quando chegaram no Brasil. Ele contava que o bisavô e o avô deles foram salvos pelo peixe-salva vidas, que os jogou para fora do mar. Do mar, eles vieram andando. Passaram por Pompéu e daqui desceram para Diamantina. Na época, só tinha cartório em Diamantina, Santa Luzia e Belo Horizonte, que tinha comarca. Meu pai contava que eles iam para Sete Lagoas levar mantimento para vender, em carroças de boi. Minha mãe ia para Sete Lagoas a pé. Saía num dia, chegava lá, fazia o que tinha que fazer e voltava no outro dia, de manhã. Era o dia inteiro caminhando. Quase todo o mundo daqui tem ‘Moreira’ como sobrenome. Eu acho que colocou em homenagem ao padre, porque aqui é considerado quase uma família só. Nós todos somos desses 60. Quase todo o mundo é Moreira Barbosa”.



*Euriza Moreira Barbosa, 57 anos, ex-vereadora de Paraopeba. Na luta pelo resgate das tradições locais, Euriza realizou, em 2004, a Primeira Festa Quilombola de Pontinha, com apresentações de capoeira, maculelê, congado, folia de reis e pastorinha, entre outras manifestações culturais da comunidade.*

**Florentina Gonçalves do Espírito Santo:** “A história de Pontinha começa quando um padre veio para essa região, não sei falar de onde, acompanhando os escravos, quando eles foram para Pompéu. Ele disse: ‘eu tenho

## COMUNIDADES

### PONTINHA

LUCIANA ANORMINO

um lugar, uma pontinha de terra e vocês vão se apropriar de lá, para vocês não ficarem andando', e eles vieram, até com muito ouro, e dizem que eles enterraram esse ouro por aqui. A gente só não sabe onde, mas dizem que enterraram."

**José Geraldo Alves:** "Através dos mais velhos, que contam para a gente, isso aqui foi começado na época da escravidão. A nossa comunidade foi doada por um padre, Padre Antônio Moreira. Ele era dono de grande área de terreno e essa aqui ficava bem afastado da parte da fazenda dele, considerada para ele um terreninho de pouca valia, uma pontinha. Vieram muitas famílias, mas alguns desistiram, foram embora. Praticamente todos aqui temos um sobrenome só: 'Moreira'. Daqui, geralmente, o pessoal não sai. A família vem dos mais velhos, que morreram, mas a família foi ficando, e é assim até hoje. Muita gente vai se casando, vai construindo aqui mesmo. Minha avó contava que, muitas vezes, alguns fazendeiros chegavam na mão de um mais fraco e propunha comprar um pedaço de terra a troco de fubá. Ela contava que era tudo muito difícil, o pessoal também não tinha leitura, não tinha quem ajudasse, sofria muito para sobreviver. Além de tudo, era muito explorado, o sofrimento era muito. O meio de transporte daqui era a pé ou a cavalo. Se tivesse que ir a Paraopeba, tinha que fazer a viagem toda a pé. Ia levando as coisinhas que colhia aqui para vender no comércio. Comprava aquilo que precisava trazer, jogava nas costas e trazia. Toda a vida, o pessoal planta milho e arroz e já teve muito plantio de algodão também. Levavam o algodão daqui, no lombo do cavalo, para vender lá em Cachoeira da Prata, o único lugar que comprava algodão.

Eles contam também que, nessa passagem dos escravos por aqui, de Chico Rei pelas terras, ficou ouro escondido nesse povoado, porque, quando essas famílias deram de ir embora, ficava difícil de levar para Diamantina, que era longe demais. Então, o ouro que eles não davam conta de carregar, ficou escondido na região."

*José Geraldo Alves, 59 anos, vice-presidente do Congado, para o qual entrou quando ainda era pequeno. Entristece por ver que, atualmente, poucas crianças participam do Congado, o que, em sua opinião, pode contribuir para que essa tradição em Pontinha acabe.*



*Florentina Gonçalves do Espírito Santo, 61 anos, vice-presidente da Associação Comunitária de Pontinha. De fala mansa, Florentina é a grande parceira de Sr. Geraldo Moreira na associação.*



## COMUNIDADES

### PONTINHA

LUCIANA ANORMINO

#### **A lenda da Lagoa Dourada**

Na comunidade de Pontinha há uma grande lagoa, que tem mais de três quilômetros de extensão. Além da beleza natural, a lagoa impressiona pelas lendas dela se originaram. Cada um a seu modo conta sua versão, que estão aqui reunidas em um único relato:

Ali, onde hoje brota a grande Lagoa Dourada, era, na verdade, a "Terra Azul", uma cidade que foi submersa. Tudo aconteceu quando uma procissão passava e algumas pessoas estavam dançando num boteco. O padre, então, pediu a eles que parassem de dançar, para que ele passasse com o Santíssimo. Nada feito. Ninguém atendeu ao seu pedido. Uma mulher até se atreveu a cantar uma tal música "As cadeira me dói" e nem deu atenção ao padre. Este passou com sua procissão até a igreja. No momento em que o padre levantou o Santíssimo, as águas invadiram a cidade que, submersa, tornou-se a Lagoa Dourada, com seus encantos.

No centro da lagoa, ninguém se atreve a passar. Dizem que o casco do barco esbarra no que seria a torre da igreja, e acontecem redemoinhos que sugam o invasor. Teve uma vez que dois homens foram pescar na Lagoa Dourada, numa quinta-feira santa. Eles estavam no meio da lagoa quando viram uma maré alta se aproximar. Disseram que tinham que ir embora, porque parecia que havia uma pessoa dentro das águas. Aquela coisa se aproximava, e eles não conseguiam sair. Foi quando aquilo se aproximou tanto que fez o bote rodar. Eles rodaram e não voltaram mais à lagoa.

Outra vez, dois senhores morreram embaraçados na rede, e foram encontrados dentro d'água. Para a surpresa de todos, não haviam bebido uma gota d'água sequer.

Muitas pessoas costumavam lavar roupa na lagoa. Certa vez, uma mulher estava com sua filha, lavando roupa, quando uma moça muito bonita se ofereceu para cuidar da criança. Quando a mãe terminou, lembrou-se da filhinha e ficou desesperada, pensando que ela tivesse sido roubada. De repente, a moça saiu de dentro da lagoa e lhe entregou a menina, sã e salva. De outra feita, uma mulher lavava uma gamela, quando uma mão saiu de dentro da lagoa e tomou-lhe a gamela.

Euriza conta que seu pai, ainda rapazinho, via um garrote bonito nos arredores da lagoa. Era um garrote vermelho, que aparecia ao meio dia e andava com metade do lombo vermelho dentro das águas, até se afundar. Um dia, um escravo chamado Antônio de Jeto atirou no boi e, depois disso, ele nunca mais apareceu na lagoa. Quebrou o encanto. Também ao meio dia, segundo conta D. Florentina, seu pai costumava ver uma árvore embaúba que ora aparecia dentro da lagoa, ora sumia. Outro bicho que

## COMUNIDADES

### PONTINHA

LUCIANA ANORMINO

por lá aparecia era uma piranha enorme, cujo olho era do tamanho de uma roda de carro de boi.

Dentro da lagoa, há várias moitas encantadas, que mudam de lugar. D. Florentina é testemunha disso, já viu as moitas se mexerem. Quem passa com o bote entre as moitas, quando retorna, não volta para o mesmo lugar, porque as moitas já não estão onde estavam. Ficam, então, perdidos dentro da lagoa. "Quando é época de chuva, as moitas adivinham e começam a subir. Quando o sol começa a esquentar, elas descem a lagoa outra vez. Isso foi o que eu vi. Eu as enxerguei andando, é o encanto da lagoa", conta D. Florentina.

A não ser as moitas que mexem, e que uns e outros ainda vêem, os outros encantos não são mais vistos. José Geraldo Alves diz, hoje, sobre a lagoa: "Tinha muita coisa que era encanto mesmo. Agora se perdeu. O único encanto que tem lá é a lagoa mesmo, o que ainda resta dela, mas hoje já não tem mais aquela tradição que tinha antigamente. Tudo através de abusão, aqueles que não tinham fé nem religião, abusavam demais, e Deus acabou com isso".

Até mesmo o encanto natural da lagoa correu o risco de se perder. Um fazendeiro morador da região quis, certa vez, esgotar a lagoa para aumentar o pasto. Foi impedido pelos moradores de Pontinha, que de forma alguma querem abrir mão desse patrimônio natural que possuem.

### Os milagres da Lapa

Lapa é uma gruta que fica dentro da comunidade de Pontinha. Lugar de milagres, de grande importância para os moradores. Dentro dela, havia a imagem de uma santa, que desapareceu. O pó raspado de suas paredes, bem como as plantas que nela crescem são usadas como remédio pelos moradores: fazem chá, infusão, tomam como bicarbonato, e todos os males são curados, em nome de Nossa Senhora da Lapa. Euriza Moreira fez duas promessas para a santa e foi atendida. Curou um problema de sua mão e a perna de seu filho, que, após um acidente de bicicleta, poderia ficar sem andar.

Dentro da Lapa, existem três passagens. Em uma delas, só cabe uma pessoa deitada, e, em outra, há um poço. Há quem diga que existe um boi pintado em suas paredes e, dependendo da forma como se aproximam



## COMUNIDADES

### PONTINHA

LUCIANA ANORMINO

da gruta, esse boi toma vida. O respeito à gruta é indispensável. Tanto que existe uma lenda sobre a Lapa que diz que, certa vez, na época dos escravos, uma mulher começou a dançar na porta da gruta, duvidando de seus poderes milagrosos. De repente, uma pedra caiu em cima dela. Não era uma pedra grande, mas ninguém conseguiu tirá-la de cima da mulher, que acabou morrendo. Essa pedra, segundo contam, está crescendo e deverá tampar a porta da Lapa.

#### De volta à capital mineira

Depois de ouvir tantas histórias e esperar um bom tempo pelo ônibus, voltei a Belo Horizonte. Aquela primeira Pontinha, com casas espalhadas, poeira e sol quente passou a ser, para mim, um lugar permeado por lendas e causos que correm o risco de serem esquecidos.

"Hoje eu falo com a turma: nós temos que pensar e conhecer o nosso lugar. E, geralmente, a gente pede ao povo aqui da Pontinha para termos mais união e conhecimento a respeito de Pontinha." Sr. Carlos Moreira Barbosa

"Agora, a gente conta mais casos porque antes não aparecia ninguém perguntando. Os jovens não se interessavam. Falo com eles que eles têm que participar muito, têm que saber, para poder contar para os filhos deles lá na frente, para os netos, para não acabar nossa tradição." Euriza Moreira Barbosa

Os jovens, assim como os de outros lugares, pouco se interessam pelas tradições de Pontinha e, os mais velhos, tentam preservar essa memória.

